

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS  
SOBRE A APARÊNCIA FÍSICA E MORAL  
NA LITERATURA QUINHENTISTA  
– O TEATRO DE GIL VICENTE**

*Sebastião Josué Votre (UFF)*

[sebastianovotre@yahoo.com](mailto:sebastianovotre@yahoo.com)

*Larissa Stumpf Schuler (UFF)*

**1. Introdução**

Diferentes aspectos da Idade Média têm recebido tratamento nos últimos tempos. Dentre esses trabalhos, destacam-se as obras seguintes: Rossiaud (1991), Ginzburg (1989/1991) e Le Goff (1957/2003). Em meio eletrônico, podemos citar Silveira (2009), Chicangana-Bayona e Sawczuk (2009) e Stolke (2006).

No entanto, não se tem produzido muito sobre a obra de Gil Vicente com foco na discriminação e preconceito contra os diferentes no período medieval tardio, no início do século XVI.

A discriminação e o preconceito contra as pessoas diferentes estão presentes no imaginário social de cada cultura. São julgamentos estranhos em cada grupo social, que carrega tal comportamento por conta dos hábitos solidificados na cultura na qual essas pessoas estão inseridas. Desta forma, nota-se uma resistência em aceitar o que difere dos padrões vigentes, que tendem a ser considerados naturais.

O preconceito contra a aparência desviante é um dos mais difíceis de combater, pois esta é o que primeiro se nota em alguém. A aparência influencia poderosamente nas oportunidades que a pessoa que destoa dos padrões hegemônicos terá quanto a empregos e inserção em círculos sociais, por exemplo.

A discriminação soa tão natural em alguns casos que passa quase despercebida, resultando na exclusão do diferente. Quem destoa da média corre o risco de ser alvo da zombaria, que provoca riso por parte de quem discrimina, e geralmente baixa autoestima da pessoa que é discriminada.

Nota-se que há uma tendência em separar as pessoas em grupo por conta de características em comum, verificando-se assim a tipificação dos diferentes em cada categoria fundante da cultura, a exemplo de gênero, idade, etnia, moral, orientação sexual e orientação religiosa.

Em seus autos, Gil Vicente traz o pensamento da sociedade portuguesa medieval sobre os diferentes nas categorias citadas acima. Geralmente, usa a voz do diabo para criticar a justiça, o clero e a nobreza, que, por vezes, discrimina quem não pertence a ela.

## **2. *Suporte Teórico***

Para a análise dos dados, tomamos como base o paradigma indiciário de Ginzburg, (“Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, *Mitos, emblemas, sinais*, 1989) que consiste em, junto com a intuição, formular hipóteses explicativas para aspectos que normalmente passam despercebidos por quem não tem o olho treinado. A partir da leitura, passamos a observar os indícios com mais atenção e a coletar dados que inicialmente poderiam ser considerados superficiais ou irrelevantes.

## **3. *Método de coleta e análise dos dados***

Varremos as peças (livros I e II), à procura de manifestações da discriminação contra as pessoas diferentes em sete autos, primeiro na forma física e depois na forma ética e moral.

Agrupamos essas manifestações em categorias coesas, em termos dos traços constituintes de cada categoria.

Em seguida procedemos à interpretação dessas categorias. O trabalho articula-se com o de Ianaê de Oliveira, sobre o mesmo período, mas partindo da forma para o conteúdo. Nosso trabalho parte do conteúdo, da função, para verificar sob qual forma essa função se manifesta.

#### 4. *Discussão dos resultados*

Os resultados apontam para uma sociedade que dá valor a características físicas e morais, fazendo dos desvios uma forma de diversão, julgamento e discriminação. Por estar entranhada na cultura, essa forma de preconceito tende à naturalização, e as expressões acabam se cristalizando. Transformam-se em construções eficazes na comunicação e que, pela frequência de uso, tendem a se transformar em mecanismos gramaticais. Num certo sentido, se gramaticalizam, sugerindo uma familiarização das expressões repetidas.

No *Auto do Vaqueiro*, Gil Vicente mostra que, por conta de sua aparência, o vaqueiro é proibido de interagir com a nobreza, e de visitar a câmara da rainha, e é recebido com violência. “*Siete arrepe-lones<sup>1</sup> me pegaron á la entrada, mas yo dí una puñada á uno de los rascones*”. Mostra também a coragem deste ao querer louvá-los, mesmo sabendo que há barreiras.

No *Auto Pastoril Castelhana*, Gil Vicente lança mão de um personagem pândego, Bras, que discute com seu colega e diz que a esposa de Silvestre, Teresuela, “*es moza bien chapada<sup>2</sup>, y aun es de buen natío, mas honrada del lugar*” (p. 18). Em seguida, Gil passa a fazer comentários irônicos quanto à aparência física e moral dos parentes de Teresuela. Gil expressa o senso comum com relação a características consideradas ruins: “*(...) es prima de Bras Pelado<sup>3</sup>: Saquituerto<sup>4</sup>, Rodelludo, Papiharto<sup>5</sup>, y Bodonales<sup>6</sup>(...) sobrina del Crespillon<sup>7</sup>(...) y la vieja bendizidera, Papiharta La Redonda, La Ceñuda, La Plaguenta<sup>8</sup>.*” (p. 19) “*Borracales<sup>9</sup> la Negruza*” (p. 20)

A leitura do *Auto dos Reis Magos* provoca riso quando o pastor Valério descamba para a comédia, dizendo quão feias seriam as mulheres se Deus não quisesse que os homens as amassem. As mu-

---

<sup>1</sup> Puxões de cabelo.

<sup>2</sup> Gentil.

<sup>3</sup> Careca.

<sup>4</sup> Caolho.

<sup>5</sup> Comilão, obeso.

<sup>6</sup> Pessoa que jura ou promete muitas coisas, mas não necessariamente as cumpre. Tratante.

<sup>7</sup> Quem tem cabelo crespo.

<sup>8</sup> Quem tem praga (piolhos ou tinea – fungo).

<sup>9</sup> ‘Borra’ é cabelo curto e crespo e, em geral, algo rude ou de pouco valor.

Iheres bonitas o são para serem dignas de ser amadas. Já as feias não merecem o amor de um homem.

Crío Dios por la ventura hermosura para nunca ser amada? (...) Si á Dios desto pesára no criára Zagalas tan relucientes: fueran prietas y sin dientes, y las frentes mas angosta que la cara; las narices le ensanchára<sup>10</sup>, y achicára los ojos como hurones: y nunca nuestros corazones de passiones nuestras vidas aterrará, ni de Dios nos apartará. Esmeróse su poder em hacer tan graciosas sus hechuras, que entre todas hermosuras son mas puras, mas dinas de obedecer. (p. 41-42)

Por acaso Deus criou beleza para nunca ser amada? (...) Se a Deus isto pesasse, não criaria moças tão reluzentes: seriam pretas e sem dentes, e as frentes mais estreitas que a cara; o nariz largo, e os olhos vingos como furões: E nunca nossos corações aterrorizaram de paixões nossas vidas, nem de Deus nos diferenciaram. Teve cuidado em fazer tão graciosas suas feituradas, que entre todas belezas são mais puras, mais dignas de obedecer.

O *Auto da Fé* contrasta um pouco do castelhano rústico falado pelos pastores com o português falado pela personagem Fé. Essa forma rústica de falar soa cômica para a camada mais favorecida da sociedade, o que caracteriza preconceito linguístico. Os pastores também são comparados com gado, quando a Fé diz: “(...) *cantai per vosso uso acostumado, como lá cantais co' o gado*”.

O autor também marca a diferença entre os personagens pelo modo de se expressarem, que exprime a cultura donde eles provêm. Certas palavras e locuções, presentes nos autos do volume I, como *prehecha*<sup>11</sup> (p. 4), *juri á nos*<sup>12</sup> (p. 6), *bodonaes* (p. 19), *quillotrado*<sup>13</sup> (p. 107), *á la fe*<sup>14</sup> (p. 122), são típicas do vocabulário rústico pastoril. Desta forma, delimita o lugar de cada um na sociedade e o nível de hierarquia presente naquela época.

No *Auto da Alma*, o autor sugere a mudança na forma de ver alguém pela roupa que usa. Esse ponto de vista é expresso pela voz do diabo: “*Vesti ora este brial*<sup>15</sup> (...) *Oh como vem tão real! (...)* *Uns*

<sup>10</sup> Nariz largo.

<sup>11</sup> Perfeita. Forma própria da linguagem pastoril, com inversão do -r no início e aspiração do h-.

<sup>12</sup> Forma eufemística de dizer “jure a Deus”.

<sup>13</sup> Gracioso, atraente.

<sup>14</sup> De fato. Dito originalmente “a la he”, com o -h aspirado.

<sup>15</sup> Vestido de seda.

*chapins haveis mister de Valença*<sup>16</sup>: — *ei-los aqui. Agora estais vós mulher de parecer*<sup>17</sup>.” (p. 12-13). A mulher se torna objeto de admiração e respeito por estar vestida como nobre. Isso mostra mais uma vez que a sociedade julga as pessoas pela aparência. Nota-se também que as pessoas da época têm um pensamento materialista, pois mesmo depois de mortas ainda se apegam aos bens materiais, e associam o fato de ter joias, riqueza e poder ao fato de ter dignidade.

No *Auto da Barca do Inferno* há preconceito contra judeus e, conseqüentemente, sobre sua aparência moral. O personagem Judeu, no início, é rejeitado até pelo diabo, que se alegra com cada rejeição à barca do paraíso. No entanto, o Judeu acaba condenado ao inferno. Assim, supõe-se que ele não é digno de ir ao paraíso apenas pelo fato de sua religião e etnia serem diferentes, sem ter cometido delito algum.

Ainda com foco na aparência moral, no *Auto da Barca do Purgatório* encontramos mais manifestações desse tipo de preconceito. Quando fala com o Diabo, o lavrador diz: “*E quem tirava do meu os meus marcos quantos são, e os chantava*<sup>18</sup> no seu, dize, pulga de Judeu, que lhe dizias tu er então?” (p. 91-vol. 2). Em seguida, em um diálogo de Marta Gil — regateira — com o Diabo também há expressões de preconceito. “*Marta: E que cousas são fateixas? Fateixado*<sup>19</sup> te veja eu. / *Diabo: Os feitos que feitos leixas, e o povo cheio de queixas./ Cal’te, almareo de Judeu. / Diabo: Não sabes que tu viveste lavradora e regateira?*” (p. 100). O Lavrador e Marta Gil usam as expressões *almareo de Judeu* e *pulga de Judeu* para ofender o Diabo. Na época, ambas as expressões são consideradas insulto, mesmo para o Diabo. Quanto ao fato de trabalhar, sabe-se que “*basta teres sido lavradora e regateira para necessitares expiar os pecados*” (p. 100). A alta sociedade europeia da época considera “*como grande desonra exercer uma profissão qualquer*” (CEREJEIRA, 1926, p. 154).

---

<sup>16</sup> Sapatos da nobreza.

<sup>17</sup> Digna de admiração.

<sup>18</sup> Colocava.

<sup>19</sup> Apanhado.

## 5. *Considerações finais*

A análise nos mostrou que é produtivo o recurso utilizado por Gil Vicente, de fazer seus personagens expressarem as representações da sociedade portuguesa a respeito de traços negativos em alguns segmentos sociais. Assim, o diabo tem êxito ao mostrar o que é considerado pecado social e moral. Personagens polêmicos mostram o que se considera negativo, através da reunião das propriedades negativas em relação à aparência física e moral.

A análise também permite mostrar a persistência histórica das qualidades consideradas negativas. Assim, a idade, deficiência visual, perda ou ausência de cabelos e equilíbrio são marcadas como muito ruins, no curso dos tempos: caolho, cegueta, careca, calvo, manco, velha. Ter cabelos crespos, usar roupas maltrapilhas, falar diferente dos outros também são vistos como ruins.

Naquela época, as prostitutas são marcadas com “*uma agulheta de cor viva, caindo do ombro, em sinal de infâmia (...) similar à pequena roda dos judeus e à matraca dos leprosos*” e excluídas para se tornarem intocáveis (ROSSIAUD, 1991, p. 61). Atualmente, esse tipo de marcação não existe, sendo mais difícil determinar se uma mulher é ou não prostituta. E o preconceito contra judeus não está mais tão presente na opinião social, provavelmente pelo fato de a Igreja não estar mais ligada ao Estado e, por isso, não interferir na vida das pessoas.

Por outro lado, vemos que alguns aspectos considerados trágicos hoje, não pareciam tão trágicos na época. Apesar de haver zombaria quanto ao peso de alguns personagens nos autos de Gil Vicente, no geral as pessoas acima do peso naquela época são consideradas abastadas, sobretudo no caso dos homens. A beleza feminina da época é roliça, corpulenta. Hoje em dia, ser obeso não é considerado saudável e resulta em exclusão e motivo de riso.

Atendemos aos objetivos de identificar personagens discriminados e mostrar as representações que sobre eles se fazem, através da voz de um julgador impiedoso, que é o personagem Diabo.

No futuro, pretendemos dar continuidade ao estudo, analisando discriminação étnica contra outros personagens, a exemplo de ciganos, negros e outras etnias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDERÓN, Manuel. *Teatro castellano/Gil Vicente*. Edición, prólogo y notas de. Barcelona: Critica, 1996.
- CEREJEIRA, Gonçalves. *O humanismo em Portugal*: Clenardo. Coimbra: Lda. 1926.
- CHICANGANA-BAYONA, Y. ; SAWCZUK, S. *Bruzas e índias filhas de Saturno: arte, bruxaria e canibalismo*. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2009000200012&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200012&lang=pt)>. Acessado em: 12 jul. 2010.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 143-180.
- GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. A representação social: Um conceito perdido. In: \_\_\_\_\_. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 41-81.
- MOSCOVICI, Serge. As ideias que se convertem em objetos do senso comum. In: \_\_\_\_\_. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 110-129.
- MOSCOVICI, Serge. Preconceito e Representações Sociais. In: \_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas – Representações sociais*. 1. ed. Thesaurus, 2009, p. 17-34.
- ROSSIAUD, Jacques. Segunda parte: Marcos para uma história dos costumes – Aparências. In: \_\_\_\_\_. *A prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p. 59-70.
- SILVEIRA, Aline Dias da. *Europeização e/ou africanização da Espanha Medieval: diversidade e unidade cultural europeia em debate* <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742009000200022&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000200022&lang=pt)>. Acesso em: 12 jul. 2010.

VICENTE, Gil, *Obras completas*, com prefácio e notas do Professor Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1942-1944.

STOLKE, Verena. *O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*.

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000100003&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100003&lang=pt)>. Acesso em: 12 jul. 2010.